

Valor Econômico, 22 de Setembro de 2022

Ação de BCs no Brasil e nos EUA deve frear atividade econômica

Medidas para conter inflação colocam à prova crescimento do país, segundo economistas

Por: Estevão Taiar

As decisões de política monetária tomadas pelo Banco Central (BC) e pelo Federal Reserve (Fed, o banco central americano) para combater a inflação devem ter impacto negativo sobre a atividade econômica no Brasil. O novo cenário coloca à prova as projeções do governo federal, mais otimistas em meio à campanha eleitoral. No mercado, os efeitos devem se concentrar mais no segmento de ações do que na renda fixa.

O Comitê de Política Monetária (Copom) do BC interrompeu ontem o maior ciclo de elevação da taxa básica de juros em 23 anos, mantendo a Selic em 13,75% ao ano, mesmo patamar da reunião de julho, mas muito distante dos 2% ostentados em março de 2021. Mais do que isso, os cortes nos juros devem demorar a começar. Poucas horas antes, o comitê de política monetária do Fed elevou a taxa de referência americana em 0,75 ponto percentual, para o intervalo entre 3% e 3,25% ao ano. A projeção mediana dos integrantes do colegiado indica que a taxa encerrará o ciclo de altas somente em 2023, em 4,625% ao ano.

Na avaliação de um ex-diretor do BC, a decisão e o comunicado do Fed foram “bem hawk”, ou seja, inclinados ao aperto monetário. Ele cita como exemplo as projeções apresentadas pelos integrantes do colegiado, que fez os “juros curtos

reagirem bem”. “O Brasil aguentou bem, a moeda depreciou pouco [após o anúncio]”, diz.

Economista-chefe para o Brasil da Galapagos Capital, Tatiana Pinheiro afirma que a decisão e a mensagem passadas pelo Fed mantêm a “tendência de um dólar forte”, o que por sua vez “traz pressão cambial” para emergentes - inclusive no caso do real.

Em termos de atividade, ela diz que as elevações globais das taxas de juros significam que “o mundo terá que desacelerar”. A Galapagos calcula para os próximos 12 meses pouco mais de 50% de chance de recessão para os Estados Unidos e 80% para a Europa, o que afeta negativamente o crescimento da economia brasileira. “Não tem muito como destoar desse movimento.”

A economista projeta expansão de 0,9% do PIB no ano que vem, destacando que as estimativas para 2022 se aproximam de 3%.

Pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre-FGV), Armando Castelar afirma que a tendência é que “haja recessão nos Estados Unidos” em 2023. Ao lado de uma “provável contração fiscal no Brasil” e da própria política monetária contracionista promovida pelo BC, esse é um dos fatores que devem fazer com que vem. Ele projeta crescimento entre 0% e 1%.

“Já os ativos brasileiros estão com comportamento favorável em relação ao mundo emergente”, diz Castelar chama atenção para o estágio avançado do ciclo de altas de juros do Brasil, as contas externas em situação confortável e a pequena dívida em moeda estrangeira.

O cenário traçado pelos economistas para a atividade em 2023 contrasta com a avaliação do Ministério da Economia, que projeta alta de 2,5%. Para a pasta, os modelos econômicos tradicionais têm subestimado o crescimento dos investimentos privados no Brasil.

Link para a matéria original:
<https://valor.globo.com/financas/noticia/2022/09/22/acao-de-bcs-no-brasil-e-nos-eua-deve-frear-atividade-economica.ghtml>